



**A construção do objeto: territorializando a arquitetura do espaço em que as *playlists* do Spotify se encontram<sup>1</sup>**

**The construction of the object: territorializing the architecture of the space in which the Spotify playlists meet**

Guilherme Martins Batista<sup>2</sup>

**Resumo:** neste trabalho procuramos expandir as investigações quanto ao empírico da dissertação de mestrado, alcunhada “Agenciamento e circulação de emoções em plataformas: uma análise da inteligência artificial no Spotify”, com o objetivo de construir novas questões e inferências quanto ao objeto de estudo: as *playlists* do Spotify. Com sistematizações, a partir das exposições empíricas e interfaces atribuídas (BRAGA, 2004), procuramos definir o que é a sociabilidade presente, na tentativa de compreender as lógicas e gramáticas de reprodução (VERÓN, 1986; NETO, 2013; FERREIRA, 2016) da plataforma. Afinal, este é o próprio produtor de sentidos (FERREIRA, 2020) do *software*, que realiza esta ação a partir dos algoritmos estruturantes neste espaço digital. Com as investigações, os resultados obtidos pelas inferências (PEIRCE; 1970) consistem em meios às preocupações quanto aos espaços de interferência da plataforma, a questão da disponibilidade e personalização, sua sociabilidade regida pelo *Feedback colaborativo* e o fator do tempo se tornar encarregado de mostrar as limitações do agenciamento maquínico regido.

**Palavras-chave:** Miatização; Semiótica; Algoritmo; Spotify.

**Abstract:** in this work we seek to expand the investigations regarding the empirical of the master's thesis, nicknamed “Agency and circulation of emotions on platforms: an

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

analysis of artificial intelligence on Spotify”, with the objective of building new questions and inferences regarding the object of study: the playlists from Spotify. With systematizations, based on the empirical exhibitions and assigned interfaces (BRAGA, 2004), we try to define what is the present sociability, in an attempt to understand the logic and grammars of reproduction (VERÓN, 1986; NETO, 2013; FERREIRA, 2016) of platform. After all, this is the producer of meanings (FERREIRA, 2020) of the software, which performs this action from the structuring algorithms in this digital space. With the investigations, the results obtained by the inferences (PEIRCE; 1970) consist of means to the concerns regarding the spaces of interference of the platform, the question of availability and personalization, its sociability governed by the Collaborative Feedback and the factor of the time to be in charge of showing the limitations of the governed machine agency.

**Keywords:** Midiatization; Semiotic; Algorithm; Spotify.

A temática deste trabalho se relaciona diretamente com aquilo que se expõe na plataforma. O *Spotify*, por definição de si e do social, é um espaço digital que se configura como uma biblioteca virtual, no qual, a partir do ingresso, há disponíveis pelo menos 50 milhões de arquivos de áudio e, desde 2008, mantém sua expansão de disponibilidade de produtos.

O que é distinto de apenas uma biblioteca é a configuração social que se estabelece neste *software*. Para além das amostras de arquivos, o próprio produtor, organizador e dono, age como sugestionador e agenciador das interações existentes em seu espaço digital nas ações do indivíduo presente. A classificação se estende apenas de uma amostragem: age também como modulador. Os tipos de interações não são apenas do humano para a plataforma, mas há também, a partir das leituras dataficadas, ações da empresa para o usuário, a fim de modificar a experiência do indivíduo ali estabelecido.

Diferentemente do que se tinha antes, a sugestão é automática e muitas vezes imperceptível durante as ações interativas que o usuário produz na plataforma. Mais adiante falaremos como a visibilidade e disponibilidade são componentes críticos nas



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

ações agenciadoras neste ambiente digital. Por hora, nos atentaremos aos componentes existentes que permitem a interação do usuário e em como a plataforma se constitui.

De início é importante expor alguns componentes do *software*, por exemplo, o fato dele ser totalmente responsivo, fazendo com que a plataforma se modalize de acordo as lógicas que estão alocadas. Ou seja, no computador, *tablet* e celular ela possui diferentes tipos de exposições e construções. A crucial é o fato da experiência por computador possuir uma comunicação com outros usuário, diferentemente dos outros aparelhos - na Figura 1, na parte da direita, se encontram as notificações de atividade simultânea dos os usuários que o indivíduo acompanha na plataforma. Este componente é totalmente único e não é a maior preocupação da plataforma, por isso, vale apenas um parágrafo sem maiores explicações.

O importante se dá na construção da plataforma. Há elementos visuais muito característicos e preponderantes que nos valem a atenção. Na Figura 1 e Figura 2 encontramos as páginas de início da experiência no espaço digital promovido pelo *software*. Ambas acompanham já uma experiência de cinco anos e, portanto, algumas partes da sociabilidade presente já estão estabelecidas pela leitura dos dados. Por exemplo: o fato de ter *playlists* construídas na parte da esquerda, onde está escrito ‘sua biblioteca’; a última música ouvida no acesso mais recente; e as listas de agrupamentos musicais (álbuns ou *playlists*) das escutas antecedentes ao ingresso na plataforma.

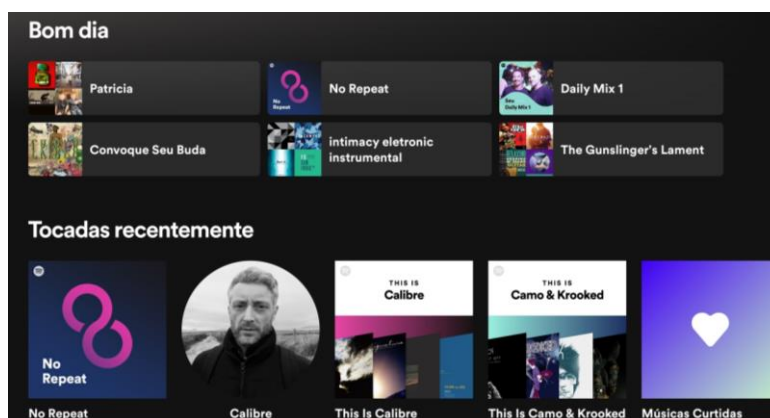


Figura 1 - acesso no computador



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

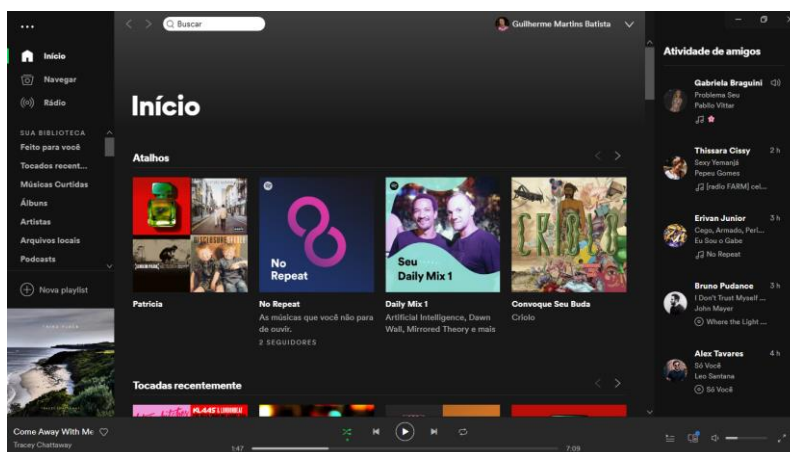


Figura 2 - acesso no tablet

As analogias (BORDIEU, 1968) com uma biblioteca física não podem deixar de ser feitas neste momento de exposição empírica. Trago este tipo de comparação para a compreensão de quem lê este trabalho a fim de explorar características distintas de uma organização de arquivos. Um aspecto distinto e que nos vale se ater para a investigação desta plataforma é a condição de visibilidade que se estabelece logo de início.

Notem que, apesar de 50 milhões de arquivos disponíveis, as músicas presentes se encontram sempre a um passo dado por uma leitura algorítmica: seja o acesso a uma listagem (*playlist* ou álbum) ou a pesquisa pura e singular de um objeto. Nestas exposições primárias, por exemplo, a lógica estabelecida é das ações mais recentes do usuário, e, como veremos adiante, cada espaço possui estruturas de lógicas definidas pela arquitetura da plataforma.

Nesse sentido, há duas questões expostas: a primeira quanto a organização do próprio espaço em listagens ou agrupamentos para só então acessar os arquivos presentes; a segunda, diferente do exposto para quem está imerso neste mundo e organizado de acordo com as estruturas da casa (em uma biblioteca normalmente é por ordem alfabética), essa exposição da digitalização precisa de um acesso secundário (a fim de fornecer dados) e uma interação do usuário, tudo auxiliado pela lógica de personalização do indivíduo no espaço digital.

Por isso, a exposição empírica do ambiente nos fornece também suas estruturas



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

e produções de sentido: a plataforma age de maneira modulatória por agrupamentos de arquivos; pela atividade recente. À esquerda das figuras percebe-se também que nas bibliotecas há algumas construções de preferências que são catalogadas a partir de interações prévias. Estes *hyperlinks* fornecem mais informações, já selecionadas, dependendo do requerimento titulado. Estas listagem se caracterizam por álbuns, que seriam os antigos CDs, Vinils e outros tipos de produtos lançados de maneira associada, e por *playlists*.

Por definição e foco desta pesquisa, *playlists* são listagens de arquivos produzidas por algum significado que os faz estar no mesmo ambiente e associados a outros arquivos distintos no mesmo espaço. Esta formulação é, além de um ponto de vista, uma ação própria do investigador no reconhecimento da produção deste agrupamento. Essa condição permite uma construção de fatos estabelecidos e motivadores preponderantes na reunião de similaridades pré estabelecidas, e que neste trabalho redoma nossa preocupação central.

Como parte crucial da sociabilidade presente na plataforma, elas podem ser construídas pelo usuário e pela plataforma. A criação do indivíduo é manualmente composta e, ainda que com sugestionamentos, é proferida apenas por ele, com suas próprias motivações subjetivas. Já na criação pelo *software* ele pode ser híbrido: com uma construção proferida a partir dos dados de certos usuários; ou pode ser feito apenas pelas motivações e interesses próprios da empresa.

Na Figura 3 e 4, por exemplo, encontram-se indicações de como isso se configura. A partir da personalização, a própria plataforma sugere algumas *playlists* criadas a partir dos dados reunidos da própria interação do usuário. Isso é visualmente entregue logo no ingresso do indivíduo neste espaço, pois ali se caracteriza a lógica da ação mais recente. Com o decorrer da rolagem, novos tipos de sugestões aparecem a partir das criações de *playlists* próprias do sujeito e de sua experiência na plataforma (Figura 4), o que implica em uma lógica de leitura de similaridades. Em suma, a sociabilidade na plataforma é sempre de acordo com o usuário, um dos elementos próprios do algoritmo de personalização (GILLESPIE, 2014).



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

De certa maneira, isso é a lógica predominante neste espaço digital, todavia, como veremos adiante, sofre atravessamentos e interferências da própria plataforma na tentativa de mesclar e naturalizar seus produtos em meio a essa corporalização. Por hora, é interessante compreender este tipo de lógica e a maneira como é proferida pela estrutura da inteligência artificial presente na plataforma. Enxergar estes agenciamentos maquínicos e gramáticas estruturantes é elucidar os processos de produção de sentido (FERREIRA, 2020) presentes.

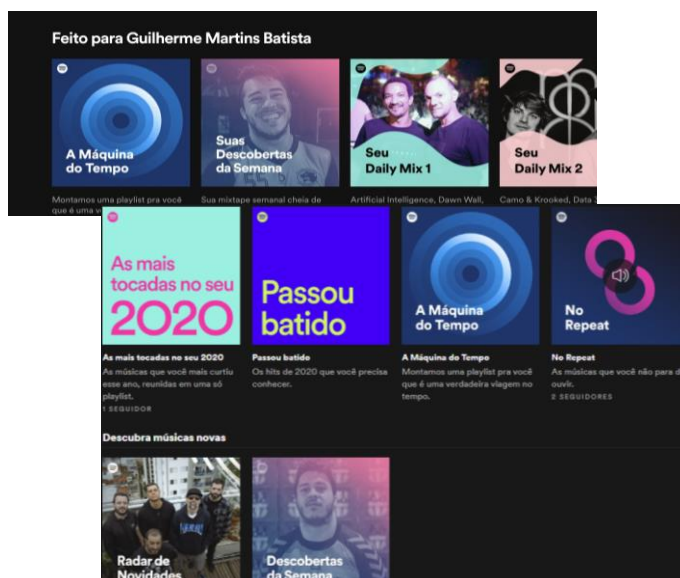
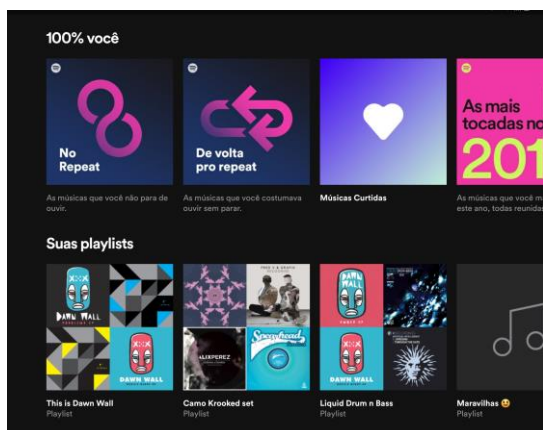


Figura 3 (esquerda) - *playlists* organizadas de acordo com o uso recente

Figura 4 (direita) - *playlists* criadas pelo *software* a partir da subjetivação do usuário

Nesse sentido, há a necessidade também de abordar a interface não-visível da plataforma, que é o espaço estruturante, onde contém a rede de algoritmos e a sua construção ontológica, determinante para todos os processos presentes aos quais elucidamos neste primeiro momento. São eles, inclusive, que nos darão inferências das lógicas estabelecidas em cada espaço (PIMENTA *et. al*, 2018; FERREIRA, 2019; 2020). Estas informações não estão totalmente disponíveis, porém, pelo pouco mostrado, é possível fazer inferências prolíficas quanto ao tipo de sociabilidade que se cria nesta biblioteca virtual.

Como há uma falta de competência do investigador em habilidades de análise de



---

dados, este trabalho terá apenas a condição de informar como se estabelece e quais são as preferências da plataforma. De início é importante compreender que as músicas são catalogadas por uma rede de identificação: seu número serial; a URL na qual ela foi colocada (pois o *Spotify* é apenas um *software* em nuvem) e a da própria empresa; o número do artista; geolocalização; e por fim sua categoria. Após isso existem nove categorias que registram e catalogam os arquivos. São eles: *Acousticness* (acústica) *danceability* (dançabilidade), *energy* (energia), *instrumentalness* (instrumentalidade), *liveness* (vivacidade), *loudness* (sonoridade), *speechiness* (vozes detectadas) e *valence* (valência). Todos estes avaliados de 0 a 1, do mínimo ao máximo.<sup>2</sup>

É crucial compreender estas catalogações e classificações das músicas pois, além da sociabilidade, na construção de algumas *playlists*, estes agrupamentos são combinados dependendo do juízo feito pelos algoritmos e suas catalogações de arquivos. Nas *playlists* produzidas pelo *Spotify* motivadas por alguma característica, por exemplo, “manhãs calmas” ou “energizantes”, eles utilizam destes componentes de avaliação e fazem leituras de alguma atribuição que elegem mais importantes para esta característica e agrupam as semelhanças em listagem.<sup>3</sup>

Este fato é central na construção de todo este trabalho e na dissertação pois é exatamente a questão norteadora da pesquisa de mestrado. O fato de reconhecer, à sua maneira, demonstra um tipo de autoritarismo que rege um agenciamento a partir das visibilidades e disponibilidades na plataforma. É, de certa maneira, um poder de mediador social no qual a plataforma urge e merece nossa atenção como pesquisadores.

### **1. Interfaces epistemológicas**

Para não cair na questão do empiricismo, compreender as linhas de pensamento são necessárias para elucidar os caminhos e movimentos que nos fizeram trazer este objeto empírico construído e reconhecer os atravessamentos teóricos que residem na

---

<sup>2</sup> As fontes destas informações se encontram aqui <https://developer.spotify.com/documentation/web-api/>

<sup>3</sup><https://towardsdatascience.com/discovering-similarities-across-my-spotify-music-using-data-clustering-and-visualization-52b58e6f547b>



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

condição de sujeito prático pesquisador (DELEUZE, 1956).

Do empírico foram-me fornecidas questões que se territorializavam em uma abordagem lógico-teórica de construções pautadas na questão da semiótica, mediação e o próprio materialismo presente na performance social dela, o algoritmo. Estas três interfaces epistemológicas (BRAGA, 2004) nos deram substrato o bastante para compreender os fenômenos de intensidade que se estabelecem na pesquisa de mestrado aqui parcialmente construída.

Quando falamos sobre a questão do algoritmo estamos na dimensão material do objeto. Como um mediador, é um agente que interfere em **todas** as condições de experiência na plataforma. O ingresso do usuário, sua construção, interação, sugestão e sociabilidade estão atribuídas aos limites da criação estruturante da inteligência artificial.

Nesse sentido, ter o olhar da materialidade é compreender onde se estruturam e onde se cria estas experiências. O ambiente agora é regido e perfilado por uma cadeia de intenções e produções de sentidos motivadores em seu início, portanto, é exatamente aquilo que modifica e diferencia de qualquer experiência anterior que já existia.

Este fato nos leva a necessidade de desentranhar (BRAGA, 2012) o algoritmo e angaria-lo a questão da mediação. Gramáticas de produção e reprodução (NETO, 2012; FERREIRA, 2016) são elementos que são também caracterizados pelo componente algorítmico nesta plataforma. Há uma ação norteadora que irá resultar nas condições de visibilidade, disponibilidade e atribuição de valor da plataforma em certas leituras e arquivos dentre outras neste universo. Por definição, há lógicas definidas e escolhidas pelos humanos que construíram o aparato da inteligência artificial.

Certas trajetórias que, mesmo não mostradas, são elencadas e evocadas pela sociabilidade da própria plataforma, presente em nosso cotidiano. É necessário reconhecer estes atributos, na medida em que eles produzem sentido para a nossa própria vida, afinal, seu próprio sistema de produção faz parte de nossa existência (FERREIRA, 2020).





Nesse sentido, o algoritmo dá pistas e mostra os caminhos pela qual a interação do indivíduo, sua dataficação e de que maneira esse discurso circula (BRAGA, 2012; FERREIRA, 2013). A programação de cada espaço, do caminho de construção da visibilidade e os componentes disponíveis possuem etapas e níveis que, embora não sejam auto-declarados, são extremamente possíveis de inferência pelas decifrações (SENDEOK, 2013) das pistas deixadas na sociabilidade presente na plataforma e seus elementos estabelecidos.

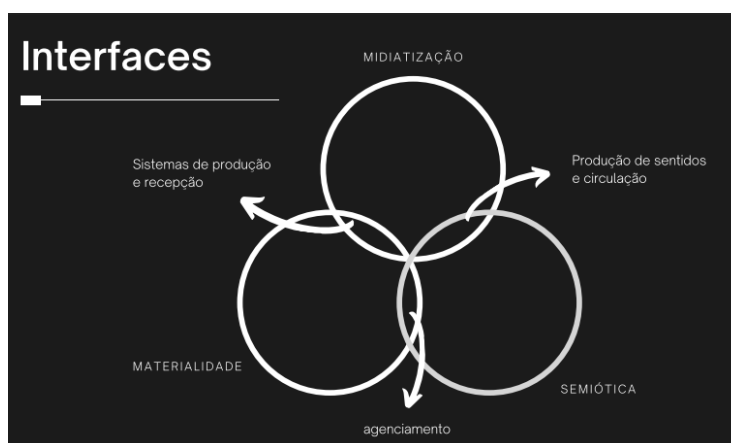


Figura 5: Interface epistemológica desenhada

Além disso, as lógicas estabelecidas, as preocupações em decorrência da construção do discurso e a relação entre construções de subjetivação maquínica e individual são parte dos estudos de agenciamentos semióticos, que é trazido aqui para construir tensionamentos mais complexos. Afinal, a produção maquínica elenca, pela visibilidade e disponibilidade, certos tipos de preferências mediante outras.

Conseqüentemente, as atribuições destes acontecimentos na experiência humana compreende a questão do afeto. Qualquer tipo de experiência se dá em níveis afetivos diferentes de acordo com o tempo de uso e, na plataforma isso se traduz como uma preocupação na medida em que ela participa deste processo pela visibilidade e interferência da materialidade.



---

A corporalização do indivíduo neste espaço digital é preponderante frente à ação maquínica (afinal, é dela que se utiliza para reunir mais dados), porém, em certos níveis de elegibilidade e disponibilidade, o *software* se agrupa a espaços pessoais e até participa da produção de desejos e subjetivações no próprio indivíduo. Quando exposto, por exemplo, da construção de *playlists* pela plataforma, há agrupamentos a partir do que foi interagido pelo usuário, e há alguns arquivos sugestionados em meio a listagem, sendo um tipo de interferência ante a subjetivação pessoal única.

É na dimensão identitária que as preferências se realizam e as organizações dos espaços digitais são construídas para só então haver o processo dataficante da personalização. Reconhecer a característica semiótica destes agenciamentos (DELEUZE e GUATTARI, 2016) é crucial para tensionar esta espécie de colaboração pela visibilidade. Em vista de compreender como o reconhecimento desta interferência é recebida aos usuários e se há alguma crítica por parte daqueles que usufruem deste produto, as entrevistas terão este ponto como crucial de diálogo.

Por isso, como indicado na primeira parte deste trabalho, espaços públicos e espaços privados da plataforma são disposições a se elucidar com o intuito de compreender onde há a ação maquínica. Nela compreenderemos os processos de produção de sentido e gramáticas de circulação presentes nas lógicas algorítmicas, que produzem os tipos de agenciamentos elencados neste trabalho.

## **2. Inferências**

Nesse sentido, é necessário reconhecer os espaços de subjetivação presentes na plataforma. Por definição, quando aplicamos este conceito queremos alinhar que há uma construção do sujeito nos ambientes estruturados pela plataforma. Há construções já programadas pela inteligência artificial para que o usuário se corporalize e construa parte de si nas possíveis organizações da plataforma, chamada de “serviço personalizado”.

Em um primeiro momento essa construção ocorre pelas próprias preferências e afetos (dimensões subjetivas) do usuário, que, ao assinar um contrato de



---

utilização desta plataforma, tem a permissão de elaborar sua própria experiência nela<sup>4</sup>. Portanto, são espaços produzidos pelo próprio indivíduo, sem um acesso e interferência da inteligência artificial que apenas participa nas modulações das interatividades do usuário.

Dois são os principais componentes nestes espaços: as curtidas (o clique no coração verde) possíveis em cada música que é encontrada em meio a biblioteca virtual; a criação de *playlists*. Estes dois elementos não dependem (além da visibilidade e disponibilidade) de nenhuma outra ação da plataforma, portanto, são decorrentes das próprias ações individuais e suas motivações.

As músicas curtidas, encontradas na Figura 5 (na esquerda), são apenas listagens de arquivos priorizados e destacados. Ao invés de estarem perdidos no acervo gigantesco da plataforma, possuem seu próprio espaço, na tentativa de facilitar o acesso e criar um ambiente exclusivo do usuário. Este é o único espaço privado ao usuário. Apenas o indivíduo, dono da própria conta, pode enxergar este agrupamento e não há maneira alguma de acessá-la, não sendo o próprio usuário.

Outro ponto interessante é que este espaço é impenetrável até pelas próprias estruturas da plataforma. Em seu fim não há sugestões de músicas ou qualquer tipo de agenciamento pela visibilidade. Há apenas uma listagem de músicas curtidas conforme sua ação temporal na plataforma. Sendo assim, para o usuário, é o único ambiente digital privado e modificado apenas por sua própria subjetivação.

As *playlists* se encontram abaixo desta opção, elencadas pelo tempo de criação, no computador, ou pelo uso, no caso dos outros aparelhos. Estas são possíveis de serem compartilhadas e inclusive podem ser seguidas (a fim de serem elencadas e priorizadas no ecrã por outros usuários).

É possível encontrá-las na barra de procura a partir do nome que foi dado, porém, sem seguir o usuário que a criou ou alguma similaridade, as sugestões de

---

<sup>4</sup> Esta é a principal diferença entre o serviço pago e o não pago: há a possibilidade de personalizar o conteúdo e criar espaços privados para o usuário.



---

pesquisas que aparecerão podem ser distintas do desejo inicial - afinal, podem existir vários agrupamentos com o mesmo nome. Isso só ocorre se deixá-las públicas, pois é possível escondê-las e apenas o próprio usuário tem acessos a elas.

Ainda sim, além de ser visível ou não, se for mantida a prioridade de execução apenas por aquele que a cria, não é possível modificar esta *playlist*. É importante reconhecer este ponto, pois há a possibilidade de permitir mudanças por outros usuários e a construção conjunta de diferentes pessoas para uma única listagem.

Outro tipo de ordem que se estabelece frente a criação é o momento histórico em que ela foi seguida. Assim como a curtida, a interação “seguir” nas listagens funciona como uma tentativa de tornar aquele agrupamento próprio do usuário e se tornar uma preferência sólida dentre suas organizações (como dito acima, elencadas na tela). Este ato é, também, neste caso, uma forma de se aproximar e se torna uma personalização do indivíduo presente neste espaço digital.

Estas *playlists* só podem ser seguidas se forem produzidas por outros usuários e/ou pela própria plataforma. Elas se encontram em vários espaços públicos e alguns espaços próprios do usuário. Nos públicos estão presentes na parte de busca (na Figura 1 se encontra acima) e também nas sugestões presentes que os ecrãs (telas) de experiência fornecem conforme a rolagem e busca do indivíduo.

Diferente disso, as construções de *playlists* com base nos dados do usuário estão em regiões distintas. Pelo celular se encontram na aba “home” (casa). Nela, como dito acima, encontram-se as ações mais recentes: os últimos acessos; os arquivos mais ouvidos e sugestões de listagens com base na história de acesso individual na plataforma.

Neste espaço de personalização então, o agenciamento se dá de uma maneira intensamente assertiva: na tentativa de fazer leituras e reconhecer a circulação mais preferencial, a produção de sentido realiza etapas de reconhecimento a partir de suas classificações e sugere arquivos que o usuário pode vir a gostar.

Novamente, isso ocorre a partir da construção dataficante: a leitura dos algoritmos próprios da interação do usuário, de acordo com os atributos já mencionados



---

neste trabalho e a jusante com as intenções capitalizantes (estruturadas no maquinário) da própria plataforma. É exatamente neste ponto que surge a questão do próprio trabalho: quais são os padrões de impulsionamento característicos deste ambiente que fazem com que as sociabilidades sejam mais circuladas? Quais são os componentes de produção e de reconhecimento (VERÓN, 1987) que atuam majoritariamente neste processo?

O que neste momento inicial da pesquisa já se compreende quanto aos padrões de impulsionamento é a realização de uma leitura grupal. Nas gravadoras pesquisadas e em agências especializadas em desempenho algoritmo o nome para isso foi dado de *Feedback colaborativo*: por definição, seria a compreensão da inteligência artificial quanto a leituras de arquivos e ações similares em outros arquivos presentes na plataforma, a partir da interação de outros usuários.

Por exemplo, se retornarmos na Figura 5 e 6 reconheceremos ali músicas as quais foram colocadas ali pela ação algorítmica. Esta ação é resultado de uma leitura combinada entre a interação do usuário na própria música, nas ações sequenciais às músicas relacionadas e a leitura de similaridades dos dados reunidos pela inteligência artificial.

Em outras palavras, a plataforma lê as sociabilidades similares, os arquivos acessados em correspondência e cria uma vinculação a partir disso. Esta vinculação é a leitura do sugestionamento e será utilizada para agenciar novas músicas aos usuários, interferindo em *playlists* novas, em sugestões: no final das listagens ou na criação de novas.

Outro ponto crucial é entender que esta leitura, como falado em páginas anteriores, é feita exclusivamente dentro da plataforma. Levantar este fato é atentar que: a leitura é fechada e depende dos próprios usuários para trazer outro tipo de sociabilidade, o que vai exigir uma atualização da leitura cultural das estruturas algorítmicas da plataforma.

Nesse sentido, os caminhos de leitura da inteligência artificial mudam parcialmente: o que muda são as experiências produzidas na plataforma a partir do



---

próprio público já inserido na plataforma. É neste ponto que a rede dataficante expressa todo seu trabalho: buscando reconhecer as músicas mais ouvidas, onde são ouvidas e quais são as leituras adjacentes que podem fornecer uma intensidade de agenciamento para as novas ações da plataforma.

Importante ressaltar que a construção do agenciamento neste processo da produção de sentido e a maneira pela qual circulam as intenções da plataforma na ação maquínica só ocorrem em espaços de personalização. A plataforma consiste de espaços públicos que são agenciados de outra maneira.

Quando pago, os espaços públicos se perdem em meio às pesquisas. Dependendo de sua ação, eles apareceram em forma de *playlists*, álbuns, podcasts ou as páginas dos artistas e dos produtos que possuem sua própria mercadoria presente neste espaço digital. Quando gratuito é possível ouvir apenas o que a plataforma lhe fornece de acordo com a pesquisa feita. Não há arbitrariedade e a decisão é feita exclusivamente pelo *software*, que indica uma forma “aleatória” após a escolha do gênero ou artista.

Portanto, apesar de ser um tipo de sugestionamento, não nos é de interesse neste momento. A angústia e problemática está na questão midiaticizante de atores não-humanos penetrarem em nossas experiências - de forma não-perceptiva em um primeiro momento - e agenciarem o tipo de vivência que estamos inseridos socialmente. No próximo subtítulo a preocupação se estabelece com esta centralidade e sobre as problematizações que podem ser produzidas a partir deste ponto.

### **3. Hipóteses**

Este trabalho se propôs a realizar uma exposição das investigações empíricas que se estabeleceram acerca deste início da pesquisa de mestrado. O mais interessante é compreender qual foi o caminho percorrido: o componente *playlist* presente na plataforma foi escolhido para ser o foco da pesquisa - exatamente pela característica das estruturas que nos forneceram o questionamento quanto a capacidade agenciadora - e pela performance, da plataforma na experiência do usuário.

Foi demonstrado como a plataforma possui estruturas que permitem a



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

subjetivação do usuário (a partir da criação de *playlists* e músicas curtidas), tornando uma extensão de suas preferências, a partir dos espaços permitidos. Com estas realizações, o algoritmo age retendo dados e produzindo informações para criar novos agrupamentos de músicas, com sua produção de sentido agenciadora.

Por isso, a primeira hipótese mostrada neste trabalho foi a característica corporalizante presente na plataforma. A personalização é um elemento central que nos dá base para discutir, junto às três interfaces propostas nesta pesquisa, na tentativa de compreender a construção do indivíduo.

Cada ambiente produzido busca traduzir características do indivíduo na plataforma. Esta é uma inferência indiciária (BRAGA, 2014) que se baseia na premissa de reconhecimento cultural da música, como um elemento de extensão que hoje os sujeitos se utilizam para se expressarem. Na pesquisa de Mestrado o trabalho é reconhecer, além desta expressão, as propriamente nomeadas e catalogadas, entretanto, isso será discussão para o trabalho futuro.

Entretanto, o que se vale desta característica é compreender a relação entre seu tempo e uso. Diferente do que ocorria em uma sociedade dos meios, nesta sociabilidade **o tempo do sujeito presente caracterizará as realizações do algoritmo**. Quando os mediadores sociais se davam em rádio e televisão, ainda que houvesse apenas uma preferência em ouvir determinada música, o máximo a ser feito era esperar que a coincidência da simultaneidade aparecesse e realizar o desejo.

Agora, a partir de suas realizações de organização e interações preferenciais, o sujeito modulador passará a agir de outra maneira: ou agenciando para ações comuns e repetitivas; ou agenciando com sugestionamentos provenientes de sua própria leitura para a experiência perfilada do usuário. Além da espera que se contraiu em segundos - e se cessa com a ação do indivíduo -, há uma cadeia de similaridades musicais que se mostram disponíveis para o usuário se manter interativo na plataforma.

Experiência essa que, como vimos, dependerá da leitura da própria empresa em reconhecer similaridades, a partir dos dados aqui discriminados e do *feedback coletivo*. Nesse sentido, a outra abdução apresentada aqui é a de mudança e que o tempo é um



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

fator determinante da produção do usuário.

Seria uma inferência indutiva (PEIRCE, 1970) reconhecer que o tempo muda a sociabilidade presente na plataforma, porém, aqui tentamos explicitar e mostrar quais são os tipos de produção de sentido da plataforma e não só sua mudança. Em trabalhos futuros, a intenção é explicitar e demonstrar como isso ocorre, afinal, com a mineração de dados poderemos ilustrar como isso ocorre além das definições aqui presentes.

Afinal, por hora, só poderemos concluir e ter certeza dessa afirmação pelas disponibilidades que estão presentes na interface visível, como mostrado na parte 2 deste trabalho. A disponibilidade é a reunião dos componentes de leituras dataficadas e, de uma maneira organizacional, um outro tipo de agenciamento que se traduz pela hierarquização e visibilidade de certos componentes perante o outro. Novamente, como depende das estruturas algorítmicas, está diretamente relacionado com o tipo de leitura da inteligência artificial (TUFECKI, 2018).

Mostrar isso é reconhecer que há, além da organização, ações que se estabelecem em uma lógica dedutiva de execução. A plataforma age de acordo com suas gramáticas de recepção que se encerram em si e não possuem uma capacidade imaginativa e abdutiva como o ser humano.

Uma das falácias mais recorrentes no senso comum que se tem hoje em dia é a compreensão de que os algoritmos possuem capacidade de nos conhecer melhor e prever nossos desejos. Este trabalho procura demonstrar que, a partir de instrumentalizações maquínicas, há leituras dos caminhos de realização da nossa experiência que se conduzem pela leitura de ações ordenadas. É o algoritmo, antes como componente maquínico, mas como sequência de regras estabelecidas.

Para os próximos trabalhos o desafio é compreender os limites dessa característica dedutiva de execução modulante presente. Para isso serão necessárias entrevistas com usuários do produto, a fim de questionar se a característica da plataforma como agenciadora (e até mediadora) está sendo efetiva ou não e quais são os componentes definidores desta situação.

Outra hipótese que será explorada em questões futuras é tensionar essa





# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

capacidade da plataforma em ser um mediador social da produção musical. Reconhecemos neste trabalho que houve, na sociedade dos meios, um papel crucial dos ranqueamentos e curadoria de música pelos componentes midiáticos: principalmente rádio e televisão.

Com essa tarefa agenciadora procuraremos, dentro do *mainstream*, reconhecer os tipos de agenciamento que existem na experiência do usuário e quais as características estabelecidas que podem tensionar com os outros tipos de experiência.

A compreensão desta execução é para alinhar algumas questões aproximativas e mostrar novas maneiras presentes de participar da produção social musical. As entrevistas nos darão pistas de como avançar neste sentido e que podem ser compreendidos em uma análise mais densa qual aos “*hit parade*”, “*top 10*” existentes na plataforma.

### Diagrama

O que tentamos trazer neste trabalho é a revelar componentes presentes na plataforma, a fim de escrutinar o terreno no qual se sedimenta as raízes do objeto de estudo: as *playlists* que enquadram emoções. O objeto central deste trabalho não foi este por uma falta de habilidade com os instrumentos de pesquisa, por isso, utilizamos deste espaço para construir esta substancialidade.

Nesse sentido, é necessário pontuar que as gramáticas de recepção são os produtores de sentido da plataforma: elas se estabelecem pelos dados reunidos de todos os usuários presentes e, a partir das similaridades entre eles, produz leituras com base em sua ação de *feedback coletivo*, ou seja, reconhecer marcas e semelhanças para atribuir a dedução do próximo passo do indivíduo em suas sugestões.

A partir deste processo e mais toda a estrutura de montagem dos algoritmos a plataforma age principalmente personalizando a ação do seu usuário (a partir dos maneirismos vistos neste trabalho), produzindo sua visibilidade pela organização e trazendo elementos constitutivos da posse do indivíduo pela linguagem.

Essa sociabilidade que se produz tem modulações distintas em espaços de



# Anais de Artigos

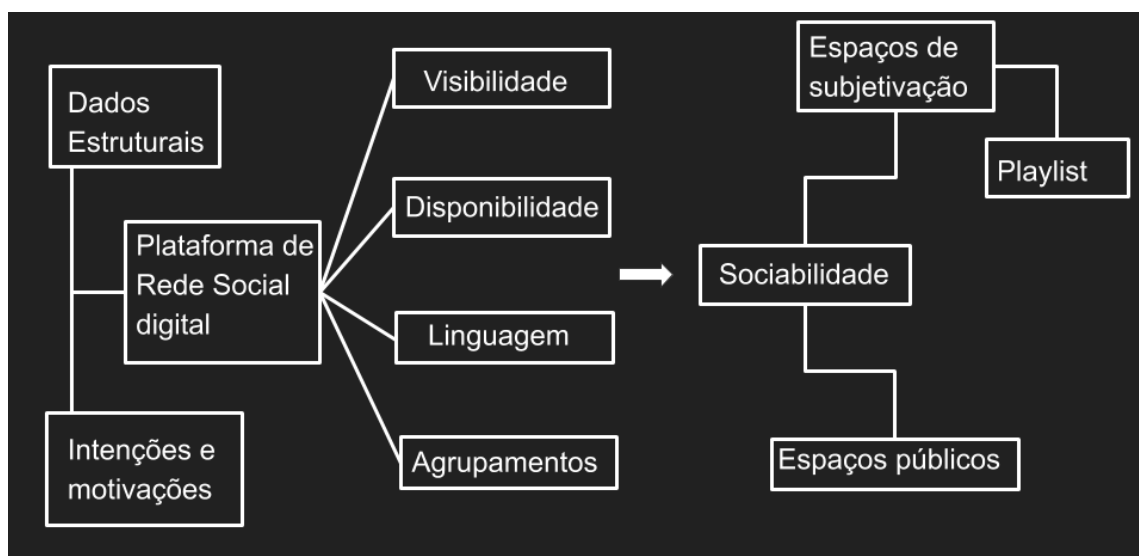
## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

subjetivação e espaços que são públicos. Não nos vale a ter aos não pertencentes ao usuário, mas reconhecer que nos espaços em que a subjetividade é componente central a visibilidade e construção de *playlists* se caracterizam pelos processos agenciadores e enquadrantes da plataforma. Nestes espaços se dá a maneira interferencial e modulatória do algoritmo.

Na tentativa de demonstrar como o trabalho se construiu, abaixo há uma exposição do diagrama (MACHADO, 2014) do pensamento proferido aqui junto a pesquisa:



Como já dito, esta pesquisa busca dar o primeiro passo e territorializar (DELEUZE e GUATTARI, 2016) parte da pesquisa de mestrado. É nesta perspectiva do traçado que desenhamos toda a estrutura de análise para a produção do objeto de estudo: as *playlists* presentes em espaços subjetivados.

Por isso se inicia com as questões de gramática de reprodução (VERÓN, 1992) estabelecidas aqui pelas intenções e motivações da empresa - questão a ser atribuída no futuro a partir de indícios - e os dados estruturais da plataforma, ou seja, as ontologias algorítmicas que reúnem todos os dados e dão forma a essa plataforma de rede social



## Anais de Artigos

# IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

digital. O principal se constitui pela catalogação e a questão do *Feedback* coletivo, ambos explicados neste trabalho.

Lembrando que este é um trabalho de comunicação. Nesse sentido, nossas preocupações se estabelecem nas características fenomenológicas e principalmente quanto a produção social deste *software*. Dizer isso é reforçar o olhar cultural diante desta sociabilidade ante ao materialismo presente. Outros trabalhos já possuem preocupações frente a construção do maquinário e isso nos caberá apresentar quando falado da produção de sentido, mas, neste momento, é importante ressaltar a produção de sociabilidade estabelecida.

E essa construção se dá pelo fornecimento de arquivos de áudio que se organizam pela visibilidade, que é atendida graças a dataficação presente, ordenada pelas questões de disponibilidade e personalização existentes. Com isso, queremos dizer e novamente indicar como a modulação se estabelece: a partir da subjetivação do sujeito e sua leitura pelas inteligências artificiais presentes.

Isso se reúne a partir de linguagens de interação disponíveis nas telas e trabalham com agrupamentos de sentidos: entregue pelos artistas em forma de álbum; fornecido pela plataforma e sua própria produção que se utiliza dos dados do indivíduo ali presente e as leituras sociais feitas; pelo usuário que preferencializa suas ações ou cria novas *playlists*.

Estes componentes então são definidores do que se estabelece nesta sociabilidade. O usuário que age na tentativa de aproveitar daquilo que a plataforma oferece encontrará personalizações para si, novas construções que se aproveitam dos dados entregues ao algoritmo e será bombardeado por agenciamentos circulantes presentes nas telas que percorrer.

Dito isso, é necessário compreender então quais são os espaços presentes que nos atentam para a problematização neste trabalho. Como mostrado na primeira parte deste trabalho e novamente na terceira, podemos dividir em espaços de subjetivação e outros públicos: o primeiro no qual há uma substancialidade das preferências do usuário



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

para ser produzido; outros apenas entregue pela plataforma, a fim de fornecer mais conteúdo para sua própria realização.

As *playlists* parte do objeto de pesquisa se encontram nestes espaços de subjetivação. Este ambiente compreende não só a ação do usuário, mas uma prática do agente algorítmico em se fazer ativo nesse processo. Para nós, aqui se encontra uma necessidade de investigação na medida em que ele participa do processo de experiência.

Essa produção de sentido é extremamente sutil. É nesse sentido que se adere a ideia de pesquisar os tipos de agenciamento: eles podem se dar em formas de sugestionamento dentro das *playlists* ou em seus conteúdos presentes abaixo, que são automaticamente ativos em certos processos; ocorrem pela visibilidade e ordenamento de disponibilidade na personalização do usuário; constroem agrupamentos próprios e praticam uma espécie de reconhecimento das preferências aliadas ao usuário; procuram indicar quais são as vinculações entre músicas; criam certos perfis de arquivos que são apenas lidos a partir das estruturas dataficientes.

E, com o tempo da pesquisa, outras inferências e questionamentos serão atribuídas na tentativa de compreender mais sobre este espaço e, principalmente, o que comunica nessa sociabilidade, com processos sociais que foram estabelecidos em seu ordenamento. A produção de sentido e circulação presente neste novo consumo midiático é, além de tudo, simbólico e merece nossa atenta compreensão ao que está ocorrendo a todo momento.

### Referências

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Org.). *Mediação & Mídia e Processos Sociais*. Salvador: COMPÓS-EDUFBA, 2012. p. 31-52.



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

\_\_\_\_\_. Lógicas da mídia, lógicas da midiatização?. In: FAUSTO NETO, A.; ANSELMINA, N. R.; GINDIN, I. L. (Org.). Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones. Rosário, Argentina: UNR. v. 1, p. 15-32. 2015.

\_\_\_\_\_. Os estudos de interface como espaço da construção do Campo da Comunicação. Contracampo edição especial. 2004.

BORDIEU, P. CHAMBOREDON, J. PASSERON, J. Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia. Tradução de Guilherme Teixeira. Editora Vozes, Petrópolis. 1999.

DELEUZE, G. Empirismo e subjetividade: Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. Coleção TRANS. 2012.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. Mil Platôs vol. 2. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. Coleção TRANS. 2016.

FAUSTO NETO, Antônio. Pisando no solo da midiatização. In: SÂÁGUA, João; CÁDIMA, Francisco Rui (orgs). Comunicação e linguagem: novas convergências. Portugal: FCSH – Universidade Nova de Lisboa. p.235-254. 2015.

FERREIRA, Jairo. *A comunicação como questão no âmbito das hipóteses sobre a midiatização (um problema a ser revelado)*. Revista Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. n. 18. 2012. Disponível em: [http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%2018/021\\_ferreira.pdf](http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%2018/021_ferreira.pdf).

\_\_\_\_\_. *A construção de casos sobre a midiatização e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens*. Galáxia. n. 33. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016224292>.

\_\_\_\_\_. ALGORITMO E MIDIATIZAÇÃO: entre a digitalização e a busca de epistemologias críticas. XXIX Compós. 2020.

GILLESPIE, Tarleton. *The Relevance of Algorithms*. MIT Press University. 2014. Disponível em: DOI:10.7551/mitpress/9780262525374.003.0009.

MACHADO, Irene. Diagrama como problema semiótico: a atividade do Grupo de Pesquisa Semiótica da Comunicação. Semieiosis. 1º semestre. 2013.

PEIRCE, Charles. Deducción, inducción y hipótesis. Traducción castellana y notas de Juan Martín Ruiz-Werner. 1970.

PIMENTA, F. J. P. CARVALHO, M. A. S. O método pragmaticista e a pesquisa em comunicação. Compós 2018.

SADOWSKI, Jathan. When data is capital: datafication, accumulation and extraction. Big data & Society. Janeiro-junho. 2019. DOI: 10.1177/2053951718820549.



**Anais de Artigos**  
**IV Seminário Internacional de Pesquisas**  
**em Midiatização e Processos Sociais**

**ISSN 2675-4290**

**Vol. 1, N. 4 (2020)**

---

SENDEOK, T. UMIKER-SENDEOK, J. “Você conhece meu método”: uma justaposição de Charles S. Peirce e Sherlock Holmes. São Paulo. Editora Perspectiva. 2014.

VERÓN, E. La semiosis social. Buenos Aires. Paidós. 2013.

\_\_\_\_\_. Fragmentos de um tecido. Editora Unisinos, São Leopoldo. 2004.